



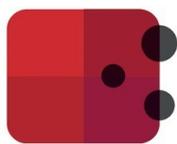
Apresentação do Dossiê

## Iracema, 50 anos depois

Organização

Denise Tavares<sup>I</sup>Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0001-5692-7356>Alex Damasceno<sup>II</sup>Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-2262-9865>Jamer Guterres de Mello<sup>III</sup>Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-1771-204X>

Em 8 de outubro deste ano, Edna de Cássia, Jorge Bodansky e Orlando Senna ocuparam, por alguns minutos, o palco da sala 1 da *Estação Net de Cinema*, do Rio de Janeiro. Do lado oposto, ou seja, do público, todos os lugares desta que é a maior sala do conjunto com suas 260 cadeiras, estavam ocupados. Fora da sala, algumas pessoas lamentaram, pouco antes deste momento, não terem conseguido lugar e assim perder a chance de ver não só a versão restaurada em 4k de *Iracema - uma transa amazônica*, como conferir, mesmo que rapidamente, o que o trio envolvido na realização da obra considerava importante ressaltar, 50 anos depois de terem concluído um filme que, objetivamente, continua mobilizando o interesse de tantos. Situação que o *Festival do Rio* de 2024, ao incluir a projeção e os convites aos diretores e à atriz, acabara de confirmar.



Essa não foi a única projeção que marcou o cinquentenário de *Iracema*. Em São Paulo, ocorreu evento similar<sup>1</sup> e por todo o país houve outras iniciativas que alternaram as homenagens, ora para um, ora para o outro codiretor do filme. Por exemplo, a mostra do *Instituto Moreira Salles*, iniciada em março em São Paulo, cujo título foi *Que país é este? A câmera de Jorge Bodanzky durante a ditadura brasileira, 1964-1985*, reuniu fotografias, reportagens de televisão e exibiu trechos dos sete filmes dirigidos ou codirigidos por Bodanzky no período referenciado. Mas, além dessas justas homenagens, vale mencionar que o público também pôde assistir, neste ano, à estreia da ficção *Longe do Paraíso* (2024), de Orlando Senna e ao documentário *Amazônia, a nova Minamata?* (2022), de Bodanzky, que ainda está circulando pelo país, quase sempre acompanhado de debates<sup>2</sup> sobre a contaminação das águas por mercúrio, na região amazônica ou, o mais recente, *As cores e amores de Lore* (2024), lançado no festival *É tudo verdade* deste ano.

Enfim, abrir essa apresentação destacando, rapidamente, o reconhecimento de uma obra hoje vista como emblemática e marcante e, em paralelo, não deixar de apontar como ambos – Senna e Bodanzky – continuam ativos cineastas e militantes, afina-se ao diagnóstico do quanto o campo dos estudos de cinema e audiovisual está estruturalmente imbricado ao que ocorre nos espaços públicos da área. É, portanto, sob essa percepção, que este dossiê acabou se configurando. Primeiro, como uma oportunidade de revisitar a originalidade e contribuições à cinematografia brasileira que *Iracema - uma transa amazônica* ainda oferece. E, segundo, com a expectativa de ampliar os diálogos que o filme provoca e/ou pode provocar, a despeito das densas pesquisas e discussões que ameahou ao longo destes 50 anos.

Em relação à permanência da força da obra, talvez o melhor diagnóstico seja da atriz Edna de Cássia, que enfatizou: “Quem envelheceu fui eu, e não o filme ‘Iracema’, porque ele simplesmente antecipou o futuro” (Martins, 2024, n.p.). Para a protagonista, o motivo do longa se manter tão relevante são as discussões que evoca sobre desmatamento, prostituição infantil e grilagem de terra, temáticas que, lamentavelmente, se mantêm vivas e ampliadas no cenário atual da região. São situações que o filme antecipou, já que muitas de suas sequências como, por exemplo, as imagens das queimadas, são consideradas as primeiras que, de fato, mostraram ao mundo o que

<sup>1</sup> Destaque para as exibições da versão restaurada em 4k de *Iracema - uma transa amazônica* no *Instituto Moreira Salles* e na *Cinemateca Brasileira*, em setembro deste ano, seguidas de debate com Jorge Bodanzky e com as salas lotadas.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo: [https://www.youtube.com/watch?v=wD\\_Jjr6uJNA](https://www.youtube.com/watch?v=wD_Jjr6uJNA)

estava ocorrendo na maior floresta tropical do planeta naqueles dias.

Demarcados estes pontos que poderiam ter vários acréscimos e outros detalhamentos, pois, como vimos, o ano trouxe um justo circuito de homenagens e reconhecimentos às obras de Senna e Bodanzky, vamos ao objetivo central desta apresentação. Isto é, abordar, muito rapidamente, os textos que constituem este dossiê, destacando aspectos que permitam a compreensão das temáticas centrais dos artigos selecionados. Estes, como poderá ser percebido, se entrelaçam em seus enquadramentos e questões, tecendo uma sólida contribuição aos estudos do cinema como um todo. Isso porque, de um modo que até mesmo nos surpreendeu, dada a imensa fortuna crítica que o filme construiu nestes 50 anos, os sete artigos que compõem o dossiê iluminam aspectos e discussões que confirmam o frescor e vigor que continuam atravessando a obra. E, claro, evidenciam a competência analítica e os caminhos de investigação que o filme provoca nos autores selecionados, para sorte nossa.

Sob esse horizonte, iniciamos o dossiê com o artigo *Diálogo de imagens – Iracema e o Cinema Marginal*, de Leonardo Bonfim Pedrosa e Juliana Costa. O ponto de partida do texto é a inclusão do filme de Bodanzky e Senna, em julho de 1978, na *Mostra de Cinema Marginalizado*, iniciativa da revista independente *Cine-Olho* que aconteceu na cidade de São Paulo. Em seguida, contextualiza não só essa exibição, mas o cenário cinematográfico daquele momento. Com essa abordagem, configura um percurso investigativo-reflexivo desenhado por duas chaves angulares, ambas articuladas à tradição do cinema experimental. Recortando sequências e *frames*, os autores buscam demonstrar sua leitura do filme, ressaltando, na análise, a materialidade geográfica e simbólica da região como inspiração latente e explícita das opções narrativas e estéticas assumidas pelos diretores de *Iracema*.

Já no artigo *A renovação da entrevista em Iracema e Retrato de uma paisagem*, Laecio Ricardo de Aquino Rodrigues aborda a atuação dos personagens como agentes que conduzem as entrevistas em ambos os filmes. Para o autor, em *Iracema*, Tião Brasil Grande (Paulo César Pereio) opera uma atualização da entrevista na tradição documentarista. O artigo defende que o procedimento é reabilitado pelo personagem de Tavinho Teixeira, em *Retrato de uma Paisagem*. Como resultado, Laecio Rodrigues traça os diferentes pontos de afinidade entre os filmes e de “parentesco” entre os seus protagonistas, definidos como “agentes da desordem”: de um lado, o provocador da floresta; do outro, o bufão do espaço urbano.



O texto seguinte, *Modulações entre documentário e ficção no filme Iracema - uma transa amazônica*, de Gustavo Soranz, retoma o tema da indiscernibilidade entre os registros ficcionais e documentais do filme. O artigo propõe um olhar original sobre esse problema ao introduzir o conceito de modulação, com base em definições de diferentes áreas do conhecimento, como a música, a física e as telecomunicações. A modulação, compreendida como a passagem de um tom a outro, como movimento ondulatório, é utilizada para descrever a estrutura narrativa de *Iracema*. Soranz destaca que, diferente do que ocorre em outros filmes, a modulação em *Iracema* não é uma mera operação técnica; ela é resultante de uma ação deliberada do ato de filmar.

O debate sobre as tensões entre ficção e documentário também está presente no artigo de Régis Orlando Rasia, intitulado *Corpos em crise, territórios em disputa: reflexões sobre o road movie em Iracema - uma transa amazônica*. O enfoque específico da análise, como já indica o título, é pensar em *Iracema* a partir do gênero narrativo do *road movie*. Rasia argumenta que, no filme, os corpos se conectam às paisagens de modo que a jornada dos personagens pela Transamazônica se torna uma metáfora para mutações internas e externas. O autor conclui que as interações entre Tião e Iracema refletem as relações entre a estrada e a floresta: corpos e territórios que são transformados pela exploração e pela violência da ditadura militar.

Como não poderia ser diferente, todas as análises elaboradas nos artigos do dossiê recuperam o contexto da ditadura e a crítica do filme à deturpada visão de progresso do regime militar. O artigo de Tânia Aparecida de Souza Vicente, intitulado *Iracema - uma transa amazônica – um filme vigiado pela comunidade de informações*, analisa justamente os mecanismos de vigilância que os próprios órgãos de informação da ditadura estabeleceram sobre as exibições do filme, a partir dos documentos informativos/descritivos que foram elaborados. A autora pesquisou um acervo documental da ditadura militar entre os anos de 1975 e 1983, que qualificam a exibição de *Iracema* como um risco, e evidenciam a atuação governamental de cerceamento e controle da circulação da obra.

Continuando, o próximo texto, *Objetificação da mulher e pathosformel do olhar masculino em Iracema, uma transa amazônica*, cuja autoria é de Aline Rebouças, Gabriela Reinaldo e Aluísio Lima, procura, como o próprio título indica, discutir como a protagonista do filme é tratada ao longo do filme. O recurso aciona as discussões de teóricas feministas do cinema, elaboradas a partir do conceito de escopofilia, de Freud, além de procurar demarcar o longo percurso de manutenção do olhar masculino,

misógino e patriarcal, no campo das artes. Esse caminho de argumentação envolve criar paralelos entre as posições da câmera acionadas sobre o corpo feminino no filme e algumas pinturas muito conhecidas no Ocidente. Ou, ainda, detalhar cenas em que se identifica a prevalência do desejo masculino. No entanto, o artigo também destaca situações em que prevalece o ponto de vista da protagonista. Essa duplicidade reforça a atualidade do filme e o quanto vale revisitá-lo. Principalmente considerando, conforme o texto aponta, a manutenção deste olhar objetificante sobre a mulher que ainda é facilmente constatável na publicidade e nas mídias sociais de hoje.

Finalmente, o último artigo deste dossiê, *Cristais de sangue: resistência no cinema brasileiro feito por mulheres em uma análise implicada*, de Karla Holanda completa essa espécie de círculo de leitura que configurou o dossiê. Isto é, uma das principais articulações da relação passado-presente que revisitar a obra cinquentenária oferece, é justamente nos fazer olhar para o período em que o filme foi realizado, localizando-o como parte de um contexto fértil e militante. Uma militância que manteve a continuidade de uma cinematografia que, como quase todas as manifestações artísticas daqueles dias, enfrentava a censura, as impossibilidades, as perseguições a quem com ela se envolvia.

Neste cenário, recortar um filme produzido no mesmo ano de *Iracema*, com direção de uma mulher, e que até recentemente ficou “esquecido” pela historiografia oficial, desvela outras urgências que hoje já são reconhecidas. No entanto, a proposta de Holanda é se desviar dessa rota que, segundo sua proposta, pode aprisionar obras inovadoras em uma chave de leitura limitante. Em outros termos e bem sinteticamente, o artigo, mesmo reconhecendo a importância de revisão dessa historiografia em relação aos filmes realizados por mulheres, vai propor um método de abordagem e análise em que esse fato não assuma o primeiríssimo plano quanto ao valor da obra. Um método extensível a outros filmes e que se consolidou pela ideia de pulsão dos contrários. Ou seja, cria-se um jogo de oposições sem que esta anule os soterre a percepção de proximidades, como é o caso dos filmes que o artigo discute.

Encerradas as contribuições desses artigos que se apresentam como partilha de pesquisas, o dossiê se completa com duas entrevistas – uma com cada diretor – e um texto de autoria de Orlando Senna sobre os bastidores da realização do filme *Iracema - uma transa amazônica*. Publicado, originalmente, pela *Revista Piauí*, em setembro de 2021 (a quem agradecemos, como também ao autor, pela autorização da publicação), avaliamos que o texto agrega, como poderá ser conferido, informações



muito pessoais sobre o processo de realização do filme. Estas complementam, com muita propriedade, parte do nosso objetivo, ou seja, também oferecer às novas e velhas gerações esse olhar detalhado de um dos diretores que obviamente vivenciou, de modo profundo, todos os desafios, impasses e acertos que resultaram no filme.

Quanto às duas entrevistas, elas aconteceram em momentos e contextos distintos. A com Jorge Bodanzky foi realizada pelos organizadores do dossiê. Nela é possível constatar o vigor de um cineasta e fotógrafo que vê sua obra reconhecida, que continua apaixonado pelo ofício que abraçou e que segue sendo generoso com todos que o buscam – nosso caso – para mais informações, mais detalhes, mais reflexões sobre o que fez, faz e deseja fazer. E a outra entrevista foi desenvolvida pelo pesquisador e professor Marco Túlio Uchoa, e integra um projeto cujo propósito é registrar, em vídeo, a trajetória de alguns dos mais importantes cineastas brasileiros. Trata-se, portanto, de uma entrevista transcrita, realizada no primeiro semestre deste ano de 2024, e que apresenta momentos importantes da trajetória de Orlando Senna.

Assim, concluímos esse dossiê, deixando, como últimas palavras, o reconhecimento da contribuição dos atores principais do filme *Iracema - uma transa amazônica*, que já não estão por aqui. Em especial, aplausos à grande atriz Conceição Senna, essencial à existência do filme, e a Paulo César Pereio, falecido em maio de 2024. Sem ele, sabemos – e os diretores reconhecem –, o filme seria outro.

Uma ótima leitura e esperamos que não percam a oportunidade de rever o filme e toda a obra de Orlando Senna e Jorge Bodanzky.

## Referências

AMAZÔNIA, a nova Minamata? Direção: Jorge Bodanzky. Produção: Ocean Filmes; Globo Filmes; VideoFilmes. Distribuição: O2 Play. Brasil, 2024. 76 min., sonoro, colorido.

AS CORES e amores de Lore. Direção: Jorge Bodanzky. Produção: Espaço Líquido Audiovisual; Spcine; Secretaria Municipal da Prefeitura de São Paulo. Brasil, 2024. 80 min., sonoro, colorido.

IRACEMA, uma transa amazônica. Direção: Jorge Bodanzky, Orlando Senna. Produção: Stopfilm; ZDF. Brasil; Alemanha, 1974. 95 min., sonoro, colorido.

LONGE do Paraíso. Direção de Orlando Senna. Produção: Araçá Filmes. Distribuição: Borboleta Filmes. Brasil, 2024. 103 min., sonoro, colorido.

MARTINS, Amanda. 'Edna: cinquenta anos de Iracema': documentário inédito fala sobre história de atriz do cinema brasileiro, **OLiberal.com**. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/edna-50-anos-de-iracema-documentario-inedito-fala-sobre-historia-de-atriz-do-cinema-brasileiro-1.861419>. Acesso em: 18 set. 2024.





---

<sup>I</sup> Denise Tavares

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-americana da Universidade de São Paulo (USP). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF).

E-mail: denisetavares51@gmail.com

<sup>II</sup> Alex Damasceno

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Email: alexdamasceno@gmail.com

<sup>III</sup> Jamer Guterres de Mello

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

E-mail: jamermello@gmail.com